

Uma trajetória pela psicanálise: encontro de registros e coordenadas

FERNANDO LINEI KUNZLER*

Meu percorrido pela psicanálise já data de mais de 40 anos, o que me leva a pensar como esta trajetória iniciou. Enquanto eu estudava Medicina em Pelotas, interessei-me em especial pela pediatria, e assim comecei minha aproximação com o público mais jovem.

A partir das conversas com os pais no Hospital, eu andava inquieto com a constante evidência de que, além de dores de barriga, diarreia ou asma – que eram tratados medicamentosamente – percebia que, junto a estes sintomas infantis, havia sempre algo importante na relação dos pais com seus filhos.

Esta inquietação que iniciara em Pelotas adentrou Porto Alegre. E, pensando nesta justaposição do físico com o psíquico, fui a Buenos Aires, para conhecer o que lá se fazia na Psicanálise Infantil e de Adolescentes. Caminhos voltam a cruzar-se e, por coincidência (ou não), fui aprovado para fazer a formação analítica na Asociación Psicoanalítica Argentina (APA).

Em um outro canto dos vários lugares de tantas histórias que se cruzam, entre 1973 e 1974, aconteceu um Curso de Psiquiatria Infantil e Adolescência ministrado por diversos analistas, em seus próprios consultórios. Neste grupo, os médicos José Ottoni Outeiral e Luiz Carlos Prado se conheceram e, além de colegas, tornaram-se amigos. Outeiral tinha feito sua Residência em Psiquiatria na Associação Encarnación Blaya – AEB (Clínica Pinel), onde tinha criado a Área de Crianças e Adolescentes e onde trabalhou como coordenador de uma equipe composta por psiquiatras, psicólogas e pedagogas.

Voltando a mim, passados uns três anos, então, em 1975, encontro, em Buenos Aires, Paulo Cesar Brandão, um colega médico que terminava sua especialização em Estimulação Precoce dentro da Neurologia. No bate-papo, além de comentar que estava voltando ao Brasil, em fins de 1975, Paulo falou sobre um grande amigo, o psicólogo e psicanalista Alfredo Jerusalinsky, que também intencionava vir para Porto Alegre, o que ocorreu no início de 1977, poucos meses antes de meu retorno para cá.

Inquieto e agredador, Outeiral convidou ao Prado e a mim, para uma reu-

* Membro Fundador do CEAPIA, Membro Pleno do CEP, Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

nião no dia 12 de outubro de 1978 – dia da Descoberta das Américas e o Dia da Criança – em sua casa. Naquele local e naquele momento {coordenadas do espaço e tempo}, decidimos colocar a pedra fundamental de um Curso que nomeamos como: “Curso de Psicologia, Psicopatologia e Técnicas Terapêuticas da Infância e da Adolescência da AEB!”, inicialmente para oferecer formação aos integrantes da Pinel. A Pinel nos cedeu uma de suas pequenas casas, contíguas ao edifício, além de uma secretária, telefone e materiais didáticos necessários.

Para dar início ao Curso, em 1979, foram convidados Paulo Brandão e Alfredo Jerusalinsky, mas que, por estas casualidades da vida, ao chegar em Porto Alegre, havia sido hospedado pelo Prado. Por ali ficamos por dois anos. Porém, como o espaço físico que nos ofereciam não mais comportava nossas atividades, alugaram uma casa na rua Félix da Cunha, nossa nova sede, nomeada de *Gradiva*. Em 12 de abril de 1983 – ah, esses dias 12! – nos separamos da Clínica Pinel e nos mudamos para a rua Coronel Bordini, 434, para uma casa alugada por nós, não mais vinculada à AEB. O Curso já estava na sua quinta turma. Criamos nosso nome próprio, a partir do que intencionávamos fazer: estudar, atender e pesquisar a infância e a adolescência: CEAPIA, nosso Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência.

O CEAPIA foi refundado em 1988 por 24 colegas, quais sejam: Abraham Hersz Turkenicz, Adonay Genovese Filho, Alberto Stein, Alice Milman Bugin, Ana Lucia Waltrick dos Santos, Angela Piva, Carmen Inês Debenetti, Claudia Giongo, Érico Camargo, Fernando Linei Kunzler, Helena Centeno Hintz, Ineida Aliatti, José Ottoni Outeiral, Jose Ovidio Copstein Waldemar, Lisiane Milman Cervo, Luiz Carlos Prado, Magali Fischer, Nair Teresinha Salin Gonçalves, Norma Utinguassú Escosteguy, Olga Garcia Falceto, Paulo Antônio Borghetti, Roberto Graña, Rosa Lúcia Severino e Rosana Igor Rehfeld.

Para nosso orgulho, 13 eram *prata da casa* – formados no próprio CEAPIA. Outros sete colegas tinham sido convidados para fazer parte do grupo de coordenadores. Nesse mesmo ano, compramos a casa que ocupávamos mediante aluguel, o que foi possível por um esforço conjunto: cada um de nós emprestou 1000 dólares, 100 por mês, financiamos outros 24 mil dólares e, em cinco anos, a casa era nossa.

Em seu primeiro decênio, o CEAPIA viu nascer três instituições *psi*, que se tornaram referências até hoje. Em 1983, a Comunidade Terapêutica Winnicott foi fundada pelo Outeiral e um grupo de profissionais de diversas áreas, na Av. Dom Pedro II, inspirada nas atividades iniciais da Escolinha Terapêutica da AEB.

No ano de 1984, por iniciativa de Newton Aronis, Lores Meller, César Bastos e Theobaldo Thomaz, nasceu o CEP, na época, nomeado como Centro de Estudos e de Pesquisa em Psicoterapia (CEPP). Eles tinham sido convidados, no ano anterior, para dar um curso sobre técnica psicanalítica, para que médicos pudessem acompanhar seus colegas psicólogos. As reuniões e os seminários do primeiro ano foram na sede do CEAPIA, que abrigou a nova instituição de formação que era concebida e gerada.

E em 1989, Olga Falceto, José Ovídio Waldemar e Alberto Stein começaram a atender casais e famílias no CEAPIA pela Teoria Sistêmica. Prado estudou com eles neste ano e, em 1990, os quatro criaram o Curso de Terapia Familiar Sistêmica, denominado Curso II do CEAPIA. Eles permaneceram no CEAPIA até 1996, quando saíram e fundaram, juntamente com as psicólogas Rosa Lúcia Severino, Nair Terezinha Gonçalves e Simone Castiel, o Instituto da Família de Porto Alegre (INFAPA), com sede na Av. João Abbott. Novas coordenadas?

Se imaginarmos esta narrativa do ponto de vista de um hipotético aparelho psíquico, vemos que estava a AEB, com suas coordenadas, em um sono neurológico. Após gravidezes médicas-psiquiátricas-psicanalíticas, Outeiral, Prado, Fernando, Paulo e Alfredo nasceram, mas necessitavam de um lugar físico para poder dar conta de seus desamparos e suas inquietudes; então, a AEB atende-os. Nela, fica agora um registro do quinteto. Por ser bem atendido, pela ação específica da AEB, este quinteto registra tanto a necessidade inicial que sentiram, como a saciedade satisfatória e tranquilizadora.

Falando nisto, visitemos um diálogo de Freud com o Pastor Pfister: “Que linda montanha, Pfister”. “Também acho, Freud, mas sabias, Freud, que, na composição desta montanha, nossa Matter Horn, que é nosso símbolo e que aparece estampada nos chocolates Suíços, existem uns 30 mil elementos?”. Freud responde: “Interessante, porque é a quantidade de registros que suponho ficar da primeira mamada”.

Assim foi quando, a partir das coordenadas de onde esses quatro psicanalistas e um neurologista vieram e, ao se instalarem na AEB, criaram algo novo, uma vida com seus milhares de registros. Penso nisso como uma experiência alucinatória de satisfação. Foi a AEB quem fez a ação específica de recebê-los e atendê-los muito bem pelo tempo que ali necessitaram ficar.

Durante algum tempo, o quinteto se alimentou alucinatoriamente nessa experiência. É assim que Freud imaginou, em seus inícios, o despertar de um aparelho psíquico. Depois, porém, conseguiram sair da satisfação alucinatória, indo em busca de novas satisfações, então no mundo externo. Pouco a pouco, foram chegando mais colegas que, vindos de outras coordenadas, ao se sentirem acolhidos e atendidos em suas necessidades e seus desejos, foram ficando e abrindo novos caminhos que facilitaram a outros que, porventura, viessem para também alimentar-se e deixar registros, para que outros ainda seguissem seus passos.

Assim, faz 40 anos que, anualmente, chegam novos colegas, com os quais se repete esse ciclo de nutrir-se, deixar registros e, depois, servir para que outros se abasteçam e se alimentem.

Logo, de alguma forma, em sua nascente, o CEAPIA está ligado à AEB, através de sua Área de Crianças e Adolescentes, pois também no CEAPIA trabalhamos no modelo da comunidade terapêutica, ofertando atendimento a pacientes psicóticos. Além disso, o CEAPIA foi a primeira instituição de formação em Porto Alegre a abrir o ingresso de psicólogos que desejassem trabalhar com

psicoterapia de orientação psicanalítica; até ali, só médicos/psiquiatras poderiam fazer a formação.

Nossa pretensão inicial era atender crianças e adolescentes de baixíssima renda. Com vimos que as mensalidades dos alunos do Curso e os atendimentos dos que poderiam pagar eram suficientes para bancar nossos custos, pusemos em ação este desejo. Muitas vezes, inclusive, nosso serviço social tinha que fornecer passagens de ônibus para que os menos favorecidos pudessem comparecer. Nossa pretensão estava certa: o que foi acontecendo é que o aumento da busca por pessoas que podiam pagar – vindos de colégios que, usualmente, não buscavam ou o faziam particularmente – deu-nos condições de ir ampliando nosso serviço sociocomunitário.

Bem, imaginemos, a partir do Meridiano de Greenwich, um encontro desses cinco fundadores que, entre 1943 e 1948, nasceram. Poderíamos assim imaginar que teriam frequentado berçários *psi*! O que poderia ser metaforizado aí?

Penso em algo que, em minha história com a Psicanálise, ganha outro cruzamento: em 1988, na comemoração de meus 40 anos de idade, minha mãe pediu a palavra – coisa que era inabitual nela – e disse: “Escutem esta, meus filhos: quando eu era criança, lá em Bom Princípio, onde eu nasci, um tio que estava de aniversário, pediu a palavra e disse: ‘hoje, é o dia mais feliz de minha vida; li num livro que a vida começa aos 40, e eu hoje faço 40’”. Ela fez uma pausa e, um tanto tomada de emoção, prosseguiu: “Olhem a passagem do tempo; eu agora já tenho dois filhos com 40 anos”.

Pois então, já completei 40 anos de minha trajetória dentro da Psicanálise: uma história que começa lá nas idas ao Serviço de Pediatria, quando eu ainda não sabia de minha escolha por ser um psicanalista, mas talvez já intuisse... que segue quando vou me inquietando no que observo das relações dos pais com seus filhos, na formação analítica, nas palestras, cursos e grupos e, em especial, nas pessoas que fui encontrando e que ajudaram a que meu caminho seguisse por onde segui.

Nesta viagem, o CEAPIA pode seguir as coordenadas que desejávamos. Olhando para trás, para os 40 anos de sua existência e mapeando esta aventura, a emoção de tanto realizado só vem aumentar a convicção de que a vida – tal como o aparelho psíquico –, desde seus inícios, é feita de registros, de maus e bons registros (tomara que mais de bons!), e de encontros, de belos encontros.